

## ARTÍCULOS

---

### SIDÓNIO MURALHA: MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UM “HOMEM ARRASTADO”.

Roseli Boschilia  
Universidade Federal do Paraná  
[roseli.boschilia@gmail.com](mailto:roseli.boschilia@gmail.com)

**Resumo:** O artigo problematiza, a partir da escrita literária, a memória autobiográfica do imigrante e escritor português Sidónio Muralha (nascido em 1920), que, devido ao seu posicionamento político - contrário à ditadura salazarista – deixou sua terra natal, em 1943. A experiência vivida como imigrante, num primeiro momento na África e, posteriormente, no Brasil, onde se fixou a partir de 1962, deu novos contornos à trajetória desse escritor, cuja carreira literária fora iniciada, ainda em Portugal, com a publicação de duas coletâneas de poemas (O Beco e Passagem de nível), no início da década de 1940. Além dos poemas de resistência, contos e outros escritos - a exemplo do romance “O homem arrastado” e o livro de vivências intitulado “A caminhada” - Sidónio também se dedicou à literatura infantil, tendo recebido vários prêmios nacionais e internacionais por sua atuação nesta área. Assim, sua escrita literária, produzida ao longo de quatro décadas, não só revela um claro posicionamento político em defesa dos direitos humanos e no combate ao autoritarismo, mas, constitui, sobretudo, uma fonte privilegiada para refletir historicamente sobre a experiência da emigração e do exílio.

**Palavras-chave:** Escrita literária, memória, autobiografia, emigração e exílio.

**Título:** SIDONIO MURALHA: MEMORIAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UN "HOMEM ARRASTADO".

**Resumen:** El artículo problematiza, a partir de la escritura literaria, la memoria autobiográfica del inmigrante y escritor portugués Sidonio Muralha (nacido en 1920) que, debido a sus posiciones políticas - contrario a la dictadura salazarista - dejó su tierra natal en 1943. La experiencia vivida como inmigrante, en un primer momento en África y posteriormente en Brasil, donde se estableció a partir de 1962, le dió nuevos contornos a la trayectoria de este escritor, cuya carrera literaria se inició, aún en Portugal, con la publicación de dos recopilaciones de poemas (O Beco e Passagem de nível), a comienzos de la década de 1940. Además de los poemas de resistencia, cuentos y otros escritos - a ejemplo de la novela "O homem arrastado" y del libro de vivencias titulado "A caminhada" - Sidonio también se dedicó a la literatura infantil, habiendo recibido varios premios nacionales e internacionales por su actuación en esta área. De esta manera, su trabajo literario, producido a lo largo de cuatro décadas, no solo muestra una clara posición política en defensa de los derechos humanos y en el combate al autoritarismo, sino que constituye, sobretudo, una fuente privilegiada para reflexionar históricamente sobre la experiencia de la emigración y del exilio.

**Palabras clave:** Escritura literaria, memoria, autobiografía, emigración, exilio.

**Title:** SIDÓNIO MURALHA: AUTOBIOGRAPHICAL MEMORIES OF A “DRAGGED MAN”.

---

Recibido: 31-05-2013  
Aceptado: 20-06-2013

**Cómo citar este artículo:** BOSCHILIA, Roseli. Sidónio Muralha: memórias autobiográficas de um “homem arrastado”. *Naveg@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2013, n. 11. Disponible en <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

**Abstract:** Based on literary writings, the article discusses the autobiographical memories of the Portuguese immigrant and writer Sidónio Muralha (born in 1920) who, due to his political standing - against the Salazar dictatorship – left his homeland in 1943. The experiences he went through, living as an immigrant, first in Africa and later in Brazil, where he established himself from 1962, lent new contours to the trajectory of this writer, whose literary career had started in Portugal with the publishing of two collections of poems (O Beco (The Cul-de-sac) and Passagem de Nível (Level Passage)) in the early years of the 1940s. In addition to his resistance poems, stories and other writings – such as the novel “Homem Arrastado” (The Dragged Man) and the book on life experiences entitled “A caminhada” (The walk) - Sidónio has also devoted himself to children literature, on which style he has been awarded many national and international prizes. Thus, his literary writings, produced along four decades, not only show, clearly, his political standing in defense of human rights and against authoritarianism, but represent, above all, a privileged source to reflect historically about the experiences of immigration and exile.

**Keywords:** Literary writings, memory, autobiography, immigration and exile.

## 1. Introdução

*Todos os segredos da alma de um escritor, todas as experiências da sua vida, todas as qualidades de seu espírito estão patentes em sua obra*  
Virginia Woolf, *Orlando*

A escrita de um diário, a organização de um álbum de fotos de família, a guarda de pequenos objetos ou a seleção de documentos que possam testemunhar a experiência do vivido constituem práticas que evidenciam a preocupação com o eu.

Em um texto intitulado “Arquivar a própria vida”, o historiador francês Philippe Artières, chama atenção para a importância destas práticas para a construção da imagem que fazemos de nós mesmos e, frequentemente, também dos outros<sup>1</sup>. De acordo com este autor, “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”<sup>2</sup>. Ou seja, por trás dessas práticas de arquivamento do eu encontrar-se-ia uma intenção autobiográfica que se traduziria no desejo de registrar a sua experiência de vida.

Considerada um fenômeno típico da modernidade, a escrita autobiográfica tem sua gênese, normalmente associado às *Confissões* de Rousseau, obra escrita no final do século XVIII, na qual o autor, desvendando sua intimidade aos leitores, fala de si mesmo.

No entanto, conforme refere Costa Lima<sup>3</sup>, muitos séculos antes de Rousseau, Santo Agostinho já havia se aproximado do chamado “gênero autobiográfico”, ao narrar a experiência de sua conversão na obra *Confissões*, escrita entre 397 e 398.

No período da Renascença, outro escritor que se preocupou em registrar sua memória autobiográfica foi o florentino Benvenuto Cellini que, embora tenha ficado mais conhecido pelas suas habilidades como escultor e ourives, deixou em sua obra,

---

<sup>1</sup> ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*. 1998, vol. 11, n. 21, pp. 9-34, p. 10.

<sup>2</sup> ARTIÈRES, Philippe. Op. cit., p. 11.

<sup>3</sup> Apud ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos históricos*. 1991, vol. 4, n.7, pp. 66-81, p. 80.

escrita em 1558, informações verídicas e fantasiosas acerca da sua experiência de vida.

Ao problematizar a posição do sujeito na produção de narrativas autobiográficas, Verena Alberti destaca que “se não se pode dizer que autobiografia, literatura e mesmo os relatos de viagem constituem “novidade” na cena “moderna” - uma vez que se tem notícia de produções análogas desde a Antigüidade”<sup>4</sup>. Todavia, conforme lembra a autora “a possibilidade mesma de constituição de tais narrativas está fortemente vinculada à existência de um “indivíduo” sujeito da criação, origem legítima da produção do discurso”<sup>5</sup>. Ou seja, conforme defende Foucault, é no contexto da modernidade que surge o indivíduo singular, o sujeito capaz de se relacionar com uma “nova” modalidade de criação, cuja especificidade é dada pela atualização de uma *linguagem* própria, a “literária”<sup>6</sup>.

Artières lembra que, embora desde o final do século XVIII a sociedade ocidental tenha assistido a uma formidável valorização da escrita pessoal, é no século XIX que se desenvolve um verdadeiro comércio em torno dos escritos autográficos. “Esse gosto pelos velhos papéis acarreta progressivamente o desenvolvimento de um verdadeiro mercado no qual se trocam ou se vendem esses fragmentos de escrita”<sup>7</sup>. Vale lembrar que o interesse dos antiquários por estes documentos também suscitou, entre os escritores, uma maior preocupação com o destino de seus manuscritos<sup>8</sup>.

Assim, gradativamente, a sociedade oitocentista assistiu ao abandono da oralidade, vista como uma forma de comunicação retrógrada e, acima de tudo, não confiável, em troca da prática escriturária entendida, esta sim, como signo do progresso e do cientificismo.

Neste contexto, alguns intelectuais de renome foram seduzidos pelo gênero autobiográfico. No rastro de Edward Gibbon, que no final do século XVIII havia escrito sua autobiografia - publicada postumamente, por sua filha, com o título *Memoirs of my life and writings* - Goethe também enveredou por esse caminho, ao chegar à maturidade, dedicando parte do seu tempo ao registro de sua experiência de vida.

De igual maneira, o escritor Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal, se lançou à escrita de sua autobiografia, em 1835. Segundo Mena Barreto<sup>9</sup>, a ideia de redigir o texto, intitulado *Vie de Henry Brulard*, teria ocorrido, “às vésperas de seu 50º aniversário, época em que, longe de seu país natal, ele desempenhava a função de cônsul da França no porto de Civitavecchia, na Itália”. Em que pese o fato do projeto ter sido abandonado definitivamente, após quatro meses de escrita, o texto inacabado deixa entrever aspectos significativos em relação ao desafio enfrentado

---

<sup>4</sup> ALBERTI, Verena. Op. cit., p. 1.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> ALBERTI, Verena. Op. cit., p. 4.

<sup>7</sup> ARTIÈRES, Philippe. Op. cit., p. 12

<sup>8</sup> No início dos anos 1880, Victor Hugo foi o primeiro a entregar à Biblioteca Nacional os seus manuscritos (ID., p. 12).

<sup>9</sup> Maria Ignez Mena Barreto. *O desenho como subversão da relação do leitor com o manuscrito na vie de Henry Brulard* [on line]. [Acessado em: 18-06-2012]. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/apcg/edicao10/Maria.Ignez.pdf>>. p. 686>.

por este famoso escritor no intuito de reconstruir sua história.

No contexto latino-americano do século XIX, as obras autobiográficas de intelectuais conhecidos no cenário político e intelectual, como o argentino Domingos Sarmiento e os brasileiros José de Alencar e Joaquim Nabuco, também ganharam visibilidade, constituindo rico material para a reflexão sobre a experiência da escrita de si<sup>10</sup>.

A partir do século XX, ainda que a reação à ênfase romântica e a crítica às narrativas pessoais tenham provocado certo desinteresse pelo gênero, sobretudo nas três primeiras décadas<sup>11</sup>, no contexto do pós-guerra escritos autobiográficos de intelectuais reconhecidos como Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre e Jean Piaget, gradativamente, passaram a ser exibidos nas livrarias, ao lado de escritores quase anônimos, como foi o caso do *Diário de Anne Frank* ou de seu famoso algoz, Adolpho Hitler, autor de *Mein Kampf*.

Mas, afinal, no que consiste essa modalidade de escrita, na qual o autor, ao reconstruir da experiência de vida a partir de uma escrita de si, põe à mostra aspectos ligados à sua subjetividade?<sup>12</sup>

No antológico texto *Le pacte autobiographique*, escrito em 1975, Philippe Lejeune, um dos grandes estudiosos sobre o assunto, definiu a autobiografia como sendo caracterizada pela identidade entre narrador e autor. Ou seja, ao escrever sobre a própria vida, o autor estabelece um *pacto [autobiográfico]* com o leitor, no qual declara sua intenção em relação à escrita autobiográfica. A definição, tomada por empréstimo de Larousse (1886), tentava contrapor-se a outras formas de escrita como memórias ou confissões “que contam fatos que podem ser alheios ao narrador”<sup>13</sup>. Todavia, como o próprio Lejeune lembra, uma década antes de Pierre Larousse definir o conceito de autobiografia, de forma estrita, Gustave Vapereau, outro francês, menos conhecido, já havia explicitado o termo, num sentido mais amplo. No seu *Dictionnaire Universal des Litteratures* (1876), Vapereau defendia que a autobiografia poderia designar qualquer texto, fosse este uma “obra literária, [um] romance, [um] poema, [um] tratado filosófico, etc, cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou expressar seus sentimentos”<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> Às obras *Mi Defensa* e *Recuerdos de Provincia*, escritas por Sarmiento, respectivamente em 1846 e 1850, seguiram-se as de José de Alencar *Como e porque sou romancista*, escrita em 1873, e a de Joaquim Nabuco, intitulada *Minha formação* e publicada em 1900.

<sup>11</sup> SOLOMON, Maynard. Biography (verbetes). *Grove's Dictionary of Music and Musicians*. Cit. por: TONI, Flávia Camargo. Biografia, autobiografia e processos de criação no arquivo de Camargo Guarnieri. In: *XVII Congresso da Anppom São Paulo 2007* [on line]. [Acessado em: 10-06-2012]. Disponível em [http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2007/poster\\_musicologia/poster\\_musicol\\_FCToni.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/poster_musicologia/poster_musicol_FCToni.pdf).

<sup>12</sup> Com base nas reflexões de Matos, o conceito de subjetividade está sendo aqui apreendido como um conjunto de circunstâncias histórico-culturais e biográficas que motivam o sentido do eu, atingindo percepções que nos chegam por meio dos discursos normativos, das práticas sociais, das sensibilidade e da memória (MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 28).

<sup>13</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, p. 53.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

A escrita autobiográfica seria, segundo Artières, a prática mais acabada do arquivamento do eu, na medida em que, ao recapitular sua própria vida, o autor faz escolhas de determinados acontecimentos que, ordenados ao longo da narrativa, permitiriam conhecer o sentido que ele desejou dar à sua vida<sup>15</sup>.

A busca deste sentido, provavelmente, foi o que motivou o escritor português Sidónio Muralha a se dedicar à escrita da sua autobiografia, cuja reconstrução histórica é objeto desta pesquisa.

## **2. A liberdade como esperança e desejo...**

Como tantos outros portugueses nascidos a partir da década de 1920, Sidónio cresceu e viveu sua adolescência inserido em uma sociedade que, além de estar marcada pela pobreza e desigualdade social, frutos do secular modelo econômico, se via mergulhada na irredutível experiência do autoritarismo imposto por Salazar, a partir de 1933.

Desde a infância, Sidónio estava familiarizado não só com os livros, mas também com os ideais libertários presentes nos discursos proferidos por seu pai, o jornalista socialista Pedro Muralha, bem como pelo grupo de amigos que freqüentava a residência da família.

Assim, o interesse pela escrita, aliado ao gosto pela leitura, que o acompanhou durante a trajetória educacional emergiu, no contexto político do final da década de 1930, como uma das poucas estratégias viáveis de contestação ao regime salazarista, que tinha como marcas a repressão política e a censura.

Nessa época, paralelamente aos estudos na área de Economia, Sidónio, tornou-se membro de um grupo - formado por jovens artistas e escritores - que deu origem ao movimento artístico-cultural que, em Portugal, ficou conhecido como neo-realismo. Partidários de um posicionamento político em defesa de uma arte socialmente engajada, o grupo procurava demarcar uma ruptura com o comportamento considerado excessivamente passivo da geração precedente, depositando na literatura “uma boa parte das suas esperanças de uma sociedade mais justa e fraterna”.

Fiel a esses princípios, Sidônio procurava discutir em seus versos as contradições com as quais ele se deparava no cotidiano, privilegiando não só os problemas comumente explorados pelos neo-realistas, como a miséria e pobreza, mas também chamando atenção para outras questões igualmente preocupantes como o descaso com os velhos ou as condições de vida de pessoas marginalizadas pela sociedade. No poema intitulado *Maria Fácil*, por exemplo, procura reafirmar o papel da poesia no combate às desigualdades e na defesa da justiça, ao retratar o dia a dia de uma prostituta. *Natal* é outro poema, desta primeira fase, no qual o autor se posiciona em favor de uma sociedade mais justa, chamando atenção para as diferenças sociais que estavam presentes na sociedade portuguesa do início da década de 1940:

---

<sup>15</sup> ARTIÈRES, Philippe. Op. cit., p. 11.

Hoje é dia de Natal/ O jornal fala dos pobres/em letras grandes e pretas,/ traz versos e historietas/ e desenhos bonitinhos,/ e traz retratos também/ dos bodos, bodos e bodos,/ em casa de gente bem./ **Hoje é dia de Natal./ - Mas quando será de todos?** (sem grifo no original)<sup>16</sup>.

Estes dois poemas fazem parte da primeira coletânea publicada pelo jovem Sidónio, em 1941. Aliás, o próprio título da obra (*Bêco*)<sup>17</sup>, traduz o sentimento do autor diante dos rumos que a política portuguesa estava tomando naquele contexto. O repúdio em relação à ditadura salazarista e o desejo de expressar livremente suas ideias são temas recorrentes na maioria dos textos inseridos nesta obra, como se pode verificar, por exemplo, num dos trechos do poema intitulado *Harpa*:

Um gesto por mais largo, já não chega,/ e os versos, por mais altos, são perdidos./ Neste sabor de nega e de renega/ devo ter mais que cinco sentidos./ **Não devia cantar, mas vou cantando...**/ Oh! As palavras finas e correctas,/ se eu as pudesse morder, nasceriam sangrando,/ sangrando como as almas dos poetas. (...) **E há a floresta, e os gritos, e os medos, / e a morte,** e a sombra triste dum casebre,/ e uma cruz, um caixão, rezas, segredos,/ **crimes,** desejos, espasmos e **degredos,**/ e lábios ressequidos pela febre./ Há isto e muito mais: Mas tudo é vago./ As palavras, o gesto, é tudo pouco./ E eu ando pela vida como louco,/ e roço, e toco, e tenho, e vibro e afago,/ e beijo, e cravo as unhas, e agarro,/ **mas o sol é tão longe...** / E Deus fez-me de barro. (sem grifo no original)<sup>18</sup>.

Em 1942, o convite para participar como um dos autores da coleção *Novo Cancioneiro*, deu origem à publicação da obra *Passagem de nível*<sup>19</sup>, na qual o autor, reafirmando a sua vinculação aos ideais do neo-realismo, usa a poesia como arma não só para combater as injustiças sociais, mas para intervir na realidade. No poema “Para vós eu canto”, por exemplo, procura, por intermédio da escrita, conclamar os que, como ele, acreditam na mudança, a lutar:

Para vós o meu canto, companheiros da vida!/ Vós, que tendes os olhos profundos e abertos,/ **vós, para quem não existe batalha perdida,/ nem desmedida amargura,/ nem aridez nos desertos;/ vós, que modificais um leite dum rio; / - nos dias difíceis sem literatura,**/ penso em vós: e confio; / penso em mim e confio;/ - para vós os meus versos, companheiros da vida!/ Se canto os búzios, que falam dos clamores,/ das pragas imensas lançadas ao mar/ e da fome dos pescadores,/ - penso em vós, companheiros,/ que trazeis outros búzios para cantar.../ **Acuso as falas e os gestos inúteis;**/ aponto as ruas tristes da cidade/ a crivo de bocejos as meninas fúteis.../Mas penso em vós e creio em vós, irmãos,/ que trazeis ruas com outra claridade/e outro calor no apertar das mãos./ E vou convosco. - Definido e preciso,/ erguido ao alto como um grito de guerra,/ à espera do Dia de Juízo.../ Que o Dia do Juízo / não é no céu... é na Terra! (sem grifo no original)<sup>20</sup>.

---

<sup>16</sup> MURALHA, Sidónio. *Obras Completas do Poeta* [on line]. Lisboa: Universitária Editora, 2002. [Acessado em: 10-05-2012]. Disponível em <<http://cvc.instituto-camoes.pt/poemasemana/38/natal4.html>>.

<sup>17</sup> MURALHA, Sidónio. *Bêco. Poemas*. Lisboa: Gráfica Lisbonense, 1941.

<sup>18</sup> MURALHA, Sidónio. *Poemas*. Porto, Editorial Inova, 1971, p. 30.

<sup>19</sup> MURALHA, Sidónio. *Passagem de nível. Poemas*. Novo Cancioneiro, Coimbra: [s.e.], 1942.

<sup>20</sup> MURALHA, Sidónio. Para vós eu canto... *Avante!* [on line]. [Acessado em: maio de 2012]. Disponível em <<http://www.avante.pt/pt/1953/emfoco/114444/>>.

Em “Prelúdio”, mais uma vez Sidónio fala da sua própria aventura, ao destacar o papel político da sua poesia:

**A minha Poesia é uma árvore cheia de frutos/ que um sol de tragédia amadurece;/ mas eu não os arranco nem procuro:/ - sei a miséria da estrada percorrida;/ o meu sol de tragédia aquece, aquece,/ - e o fruto cai de maduro/ no chão da minha vida (sem grifo no original)<sup>21</sup>.**

Assim, se, conforme nos ensina José Luis Borges<sup>22</sup>, “toda poesia é plena confissão de um eu, de um caráter, de uma aventura humana”, podemos afirmar que, desde seus primeiros poemas, Sidónio estava arquivando sua própria história e se dedicando à escrita da sua autobiografia.

No entanto, os seus escritos passam por uma grande mudança quando, em 1943, sufocado e desiludido com os rumos do seu país, Sidónio opta pelo auto-exílio e, juntamente com o amigo e escritor Alexandre Cabral, viaja para a África, iniciando aí sua longa trajetória como emigrante que incluirá diferentes países como o Congo Belga, Bofatá, Guiné-Bissau, Ostende, Dakar, Londres e Paris até chegar, finalmente, ao Brasil, quase duas décadas depois.

### 3. A experiência da emigração contada em prosa e verso...

No Congo Belga, onde Sidónio vive a sua primeira experiência como imigrante, parte do tempo que anteriormente era dedicado à escrita, pelo menos num primeiro momento, teve que dar lugar às atividades mais voltadas às necessidades materiais.

Porém, mais urgente do que adaptar-se às novas condições de vida, era preciso se familiarizar com um novo “lugar antropológico”<sup>23</sup> ou, melhor dizendo, “aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas”<sup>24</sup>.

Além da inserção no mercado profissional, facilitada graças a sua formação na área de Ciências Econômicas e Financeiras, o casamento foi outra nova experiência que Sidónio teve, logo após sua chegada ao continente africano<sup>25</sup>.

O estudioso de imigração e identidade, Abdelmalek Sayad<sup>26</sup> lembra que o ato de e/imigrar exige que o sujeito não só se posicione frente ao desconhecido, que perceba diferenças e semelhanças, mas, sobretudo, que formule estratégias no sentido de desconstruir e reconstruir sua identidade<sup>27</sup>, de acordo com o contexto no

<sup>21</sup> MURALHA, Sidónio. Prelúdio. *RMMV [60 anos de gratidão]* [on line]. [Acessado em: maio de 2012]. Disponível em <<http://rmmv.org/poesia-prima-poesia-madrasta/sidonio-muralha/>>.

<sup>22</sup> BORGES, Jorge Luis. *El tamaño de mi esperanza*. [1927]. Madrid: Alianza, 1998.

<sup>23</sup> De acordo com Marc Augé, o lugar antropológico se define como identitário, relacional e histórico (AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994). Cit. Por: RIETH, Flávia. In: *Horizontes Antropológicos* [on line]. 1995, ano 1, n. 2, pp. 270-271. [Acesso em: 20-06-2012]. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a26.pdf>>.

<sup>24</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 89.

<sup>25</sup> O casamento com a também portuguesa Maria Fernanda d'Almeida, com quem ele teve 4 filhos, foi feito por procuração, em 1944.

<sup>26</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da USP, 1998.

<sup>27</sup> Longe de ser vista de forma estática, como fixa e definitiva, a categoria identidade, deve ser

qual se encontra. De modo semelhante, outro autor que problematiza estes conceitos, Homi Bhabha<sup>28</sup>, destaca o esforço que é exigido do e/imigrante no sentido de revisar seus sistemas de referência, normas e valores, na tentativa de estabelecer regras de negociação que permitam a construção de uma nova identidade. Ou seja, de construir novas formas simbólicas e organizacionais da vida cotidiana, pois, como lembra Kristeva “o espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais”<sup>29</sup>.

Algumas das experiências marcantes vividas na África foram registradas por Sidónio somente anos mais tarde. Em um de seus livros, que recebeu o sugestivo título de *O Andarilho*<sup>30</sup>, ele escreve:

Lembras-te? Apesar da nossa memória frágil, tu não deves ter esquecido. Uma tarde naquela terra de Bukavu, subindo nos degraus de pedra gasta e polida pelo tempo, tu resvalaste e lá se foi o nosso filho estrangulado pelo cordão umbilical [...] do outro lado do lago o vulcão continuava cuspidando fogo, no teu ventre havia um filho morto [...]”<sup>31</sup>.

A permanência no continente africano dará novos contornos a sua escrita, imprimindo em seus versos e prosas não só o sentimento de estranhamento no que dizia respeito à paisagem, aos animais, às pessoas e ao modo de vida daquela sociedade mas, sobretudo, potencializando sua indignação em relação à ditadura salazarista. Longe das amarras impostas pela censura do seu país, Sidónio dará vazão a sua poesia mostrando, metaforicamente, que o medo pode calar as aves, mas jamais os poetas.

Mas para Sidónio não bastava escrever versos e deixá-los na gaveta. Era preciso que a poesia cumprisse efetivamente o seu papel social, sendo levada às pessoas sobre quem elas falavam. Em 1950, durante um período de férias em Portugal, ele concretiza essa ideia ao promover a edição da sua terceira obra, *Companheira dos homens*.<sup>32</sup> Os versos escritos ao longo da década de 1940, mais do que reforçar a opção pela poesia militante e de intervenção, falam do seu sentimento em relação ao desejo de expressar livremente suas ideias, sem ser submetido à censura e à repressão que continuavam vigorando no seu país.

Em diferentes trechos do poema que dá nome a esta coletânea, Sidónio fala sobre sua experiência, ao afirmar que “enquanto as aves se calam, estranguladas pelo medo, o medo, como uma faca, rasga os corações dos poetas”. Aliás, a

---

entendida aqui como algo em constante movimento, que resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações (Cucho, 1999). Ou seja, ela constitui uma categoria de distinção, baseada em oposições simbólicas, que serve para demarcar as igualdades e as diferenças existentes entre os grupos sociais.

<sup>28</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

<sup>29</sup> KRISTEVA, Julia. Tocata e fuga para o estrangeiro. In: KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 9- 46, p. 15.

<sup>30</sup> MURALHA, Sidónio. *O andarilho*. Contos. Lisboa: Prelo editora, 1975.

<sup>31</sup> MURALHA, Sidónio. *O andarilho*. Op. cit., p. 8.

<sup>32</sup> MURALHA, Sidónio. *Companheira dos Homens: Poemas*. Lisboa: Tipografia Garcia & Carvalho, 1950. Neste mesmo ano, provavelmente motivado pela experiência da paternidade, Muralha publica também o seu primeiro livro de poemas para crianças: *Bichos, Bichinhos e Bicharocos*. Lisboa: Tipografia Garcia & Carvalho, 1949.

metáfora do medo, que impede as aves de cantar, mas não os poetas de se expressarem por intermédio da escrita, é retomada em seus textos, em diferentes momentos:

O medo faz calar as aves nas florestas densas, mas as canções dos homens fá-las mais largas, mais intensas, mais impiedosas, mais rudes, canções que ferem e espantam, pois com o medo as aves calam e os homens gritam e cantam. **E a canção é um homem que percorre o mundo lê a lê gesticulando com os seus próprios braços, andando com os seus próprios pés, grito que vai de continente em continente implacável e forte e que passa as fronteiras sem precisar de passaporte** (sem grifo no original)<sup>33</sup>.

Nestes poemas, publicados dez anos depois de ter deixado Portugal, Sidónio, além de expor sua subjetividade, evidencia as estratégias por ele formuladas na tentativa de reconstruir sua identidade como imigrante.

Embora condene veementemente o governo de seu país, como de pode perceber em poemas como *Pequenos deuses caseiros*, no qual ele acusa os “pequenos deuses caseiros [de] após dias, semanas, meses e anos brincar na tempestade e [jogar] o jogo dos tiranos” [...] ou ainda no *Soneto dos eunucos*, escrito em 1975, onde ele se refere aos “poltrões [que] nas poltronas se aconchegam/ e afivelam nos rostos as mordanças/ que tudo calam e tudo cegam”<sup>34</sup>, Sidónio não deixa de expressar seu vínculo identitário com a pátria portuguesa, como se vê no poema *Epitáfio*:

A Pátria, de olhos sem fundo como dois buracos,/ vela o teu corpo e põe-te uma promessa nas mãos frias.../ - tu que foste a força dos fracos, tu que foste maior que todas as poesias./ Tu, puro e oculto como as cisternas de água,/ **tu que eras presente e invisível como a aragem, tu que continuas a ligar-nos pela mágoa/ como sempre o fizeste pela coragem.** Por todo o sofrimento, por todas as desgraças,/ e em nome das madrugadas que rasgam as vidraças,/ a Pátria põe-te uma promessa nas mãos frias./ Largos versos irrompem no teu silêncio de granito,/ e tu vives inteiro em cada grito,/tu que foste maior que todas as poesias (sem grifo no original)<sup>35</sup>.

#### 4. Um “homem arrastado” em busca de si...

O contexto dos anos sessenta acaba se configurando como um novo marco na vida de Sidónio, quando ele vivencia novas experiências de deslocamento emigratório. Em 1960, no contexto de efervescência política que culminou com a independência da República do Congo, os Muralha se afastam do país e, por dois anos, passam a residir em Bruxelas. Nesse período, em virtude da sua atuação como representante comercial de uma empresa multinacional, ele realizou dezenas de viagens pelo mundo, prestando assessoria econômica em mercados financeiros. E foi, justamente, em decorrência da sua atividade profissional que, em 1962, Sidónio decide radicar-se no Brasil, residindo inicialmente em São Paulo e depois na cidade de Curitiba (capital do estado do Paraná) onde permanece até sua morte, em

---

<sup>33</sup> MURALHA, Sidónio. *Companheira dos Homens*. Op. cit.

<sup>34</sup> MURALHA, Sidónio. *Pássaro Ferido*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972, p. 60.

<sup>35</sup> MURALHA, Sidónio. *Epitáfio*. *Cravo de Abril* [on line]. [Acessado em: maio de 2012]. Disponível em <[http://cravodeabril.blogspot.com.br/2010/02/poema\\_06.html](http://cravodeabril.blogspot.com.br/2010/02/poema_06.html)>.

1982.

A transferência para o Brasil, ocorrida pouco tempo antes da instauração do regime militar, teve um papel significativo na sua trajetória de vida, incidindo não só nas decisões tomadas pelo autor em relação a sua carreira profissional, mas causando também grande impacto na sua produção poética. O relacionamento com outros intelectuais portugueses, radicados em São Paulo, vai motivá-lo a participar do projeto de criação da editora, a Giroflé, voltada exclusivamente à publicação de livros infantis. Além de dedicar-se à literatura infantil, continuou a escrever histórias, poemas e contos de humor, que lhe deram diversos prêmios nacionais e internacionais.

Por outro lado, é importante destacar que a decisão de emigrar para o Brasil, que ainda vivia sob o regime democrático, foi tomada em um momento particular da sua vida, que coincidia com a chegada à maturidade. Neste sentido, a experiência deste deslocamento foi absolutamente distinta daquela primeira saída de Portugal, quando ele tinha apenas 23 anos e a esperança do retorno era um sonho possível. Duas décadas após, Sidónio tinha plena consciência de que ele tinha vivido mais da metade da sua vida como um andarilho, um indivíduo deslocado, arrastado para longe de suas raízes. E é justamente a partir desta nova experiência de deslocamento que se evidencia, mais claramente, na produção literária de Sidónio o desejo de dedicar-se à escrita autobiográfica, ou seja, de “olhar para trás”, investindo no arquivamento do eu. Na obra *A caminhada*<sup>36</sup>, ele dirá:

Acumulei experiências [...] e tudo isso um dia explodirá em prosa ou verso que imprimirei, talvez, guardando os livros como recordação nas gavetas, nas gavetas, nos armários, nas prateleiras, prestigiados pela poeira dos séculos [...]<sup>37</sup>.

Vale lembrar que, pouco tempo depois de ter chegado ao Brasil, ao falar sobre os motivos que o trouxeram para a América, ele afirmou: “Escolhi o Brasil, sobretudo por causa da língua. Mas não acredito na existência de coisa mais trágica que o exílio”<sup>38</sup>. Era a primeira vez que o autor se pronunciava objetivamente sobre a sua condição de exilado, muito embora tivesse deixado seu país de modo voluntário. Note-se aqui que, apesar da distinção semântica entre os termos “exilado” e “expatriado”, utilizada por vários autores para demarcar as diferenças existentes entre aqueles que foram obrigados a emigrar e os que o fizeram voluntariamente<sup>39</sup>, o posicionamento de Sidónio se distancia desta proposição. Mostra, ao contrário, que o exílio, muito mais do que ser definido pelos fatores que o motivaram deve ser problematizado a partir da experiência dos sujeitos históricos que foram a ele submetidos.

---

<sup>36</sup> MURALHA, Sidónio. *A Caminhada: Livro de Vivências*. Lisboa: Prelo Editora, 1975.

<sup>37</sup> MURALHA, Sidónio. *A Caminhada*. Op. cit., p. 22

<sup>38</sup> MURALHA, Sidónio. In: ABRAMOVICH, Fanny. *Aventuras venturosas* [on line]. Depoimento de Sidónio Muralha. [Acessado em: 15 de junho 2012]. Disponível em <[http://www.vidaslusofonas.pt/sidonio\\_muralha.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/sidonio_muralha.htm)>.

<sup>39</sup> Sobre essa questão consultar especialmente TABORI, Paul. *Anatomy of exile*. Londres: Harrarp, 1972; QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência: ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998; ROLLEMBERG, Denise. Memórias no exílio, memórias do exílio. In: FERREIRA, Jorge y REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia 1964...* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Para entender esse posicionamento, é preciso recorrer primeiramente às contribuições de Paul Ilie, autor que procura refletir sobre a questão do exílio, a partir de uma perspectiva ancorada na ideia de que, para além do deslocamento geográfico e das rupturas culturais decorrentes da separação física, o exilado também passa pela experiência irreduzível do exílio interior<sup>40</sup>. Para este autor, “tanto as partidas obrigatórias quanto as voluntárias pertencem a um mesmo fenômeno, simplesmente porque ambas promovem uma distorção temporal de uma forma desconhecida para aquele que permaneceu no local de origem”<sup>41</sup>.

Por fim, complementando estas ideias, Said observa que a experiência do exílio é permeada por uma tristeza essencial jamais superada, na medida em que provoca “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar”<sup>42</sup>.

No caso de Sidónio, a origem desta fratura incurável estava intimamente vinculada ao panorama político que levou centenas de intelectuais a optarem pelo exílio voluntário como forma de repúdio ao regime salazarista. Assim, a afirmação feita por Rollemberg de que “exilado não foi exclusivamente aquele atingido pela repressão, perseguido diretamente por suas posições ou práticas políticas [...] [mas] também quem deixou o país recusando-se a viver sob uma ditadura”<sup>43</sup> nos ajuda a melhor compreender o posicionamento do autor.

Aliás, vale destacar que o deslocamento para o Brasil representou, sem dúvida, uma segunda ruptura na vida de Sidónio, na medida em que o prolongamento da ditadura salazarista tornava cada vez mais difícil o retorno a Portugal. Neste novo contexto, o exílio, assim como a saudades de Portugal, continuam a ser dois temas recorrentes na sua produção literária, como se vê, por exemplo, no poema intitulado *Raízes*:

Velhas pedras que pisei/ Saíam da vossa mudez/ Venham dizer o que sei/  
Venham falar português/ Sejam duras como a lei/ E puras como a nudez./ Minha  
lágrima salgada/ Caiu no lenço da vida/ Foi lembrança naufragada/ E para sempre  
perdida/ Foi vaga despedaçada/ Contra o cais da despedida./ Visitei tantos países/  
Conheci tanto luar/ Nos olhos dos infelizes/ E porque me hei-de gastar? / Vou ao  
fundo das raízes / E hei-de gastar-me a cantar<sup>44</sup>.

A partir de 1969, Sidónio passou a se dedicar intensamente à escrita de poemas e crônicas nos quais ele aparece como personagem principal. No intuito de reconstruir suas memórias publica várias obras, nas quais a sua subjetividade se manifesta desde a escolha dos títulos. Desse modo, no rastro da obra *Esse Congo*

---

<sup>40</sup> ILIE, Paul. *Literature and inner exile*. Londres: John Hopkins University Press, 1980.

<sup>41</sup> Apud MELLO, Giovana y OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. *Dimensões Geográficas, Literárias e Tradutórias do Exílio* [on line]. *Literatura em Debate* (URI). 2008, vol. 2, pp. 1-18, p. 10. [Acesso em: 02/05/2013]. Disponível em <[revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/download/.../769](http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/download/.../769)>.

<sup>42</sup> SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46.

<sup>43</sup> ROLLEMBERG, Denise. Memórias no exílio, memórias do exílio. In: FERREIRA, Jorge y REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia 1964...* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 202-203.

<sup>44</sup> MURALHA, Sidónio. *Raízes. RMMV [60 anos de gratidão]* [on line]. [Acessado em: maio 2012]. Disponível em <<http://rmmv.org/poesia-prima-poesia-madrasta/sidonio-muralha/>>. Este poema escrito por Sidónio Muralha e musicado por Henrique Lourenço foi gravado por Amália Rodrigues em 1958.

*que foi belga*<sup>45</sup> publicada em 1969, com o objetivo de registrar parte das experiências que ele teve no continente africano, Sidónio publica dois anos depois, *Que saudades do mar*<sup>46</sup> e, em 1975, *A caminhada*.

Em 1973, quando esta obra estava sendo gestada, Sidónio afirma:

No presente momento [...] procedo a um inventário de vivências em cartas, contos, poemas, conferências [...] O livro chamar-se-á “A caminhada” e não será espartilhado pela ordem cronológica, para que o tempo tenha outras dimensões. É possível que haja buracos ao longo da estrada, porque nas minhas andanças pelo mundo fiquei sem cópia de centenas de cartas sumiram artigos, naufragaram documentos [...]<sup>47</sup>.

Fiel à proposta de um inventário, o autor recupera passagens como a experiência da partida de Portugal, ocorrida no início dos anos quarenta e o tema emergirá, pela primeira vez, em uma das muitas cartas escritas ao amigo Alexandre Cabral:

[...] É setembro, um Setembro antigo, meu pai está no cais para me dizer adeus, um adeus que sabemos definitivo mas fingimos que não, subo com o Alexandre Cabral, o “Quanza” se afasta, as pedras tremulam, navegamos para Leixões e depois para o Congo ... todos estes acontecimentos amanhã serão memórias mas nós ainda não temos consciência disso<sup>48</sup>.

Na sequência da obra *A caminhada*, Sidónio publica um livro de poemas e crônicas, intitulado *Pássaro ferido*<sup>49</sup>, no qual o gênero autobiográfico mais uma vez se faz presente. Visando fazer um relato retrospectivo sobre a sua própria existência, ele fala sobre a saudade dos amigos, das cidades e de sua própria infância.

Muito cedo deixei de ser criança/ E só guardei, à guisa de brinquedo,/ Encharcada de lua essa lembrança/ De não ser mais criança muito cedo./ E esse cheiro de terra e a brisa mansa/ Ondulante de verde e de arvoredo/ E o folgado doirado dessa trança/ Que um dia me contou o seu segredo./ **O menino que eu fui ainda corre/ No meu país distante.** O dia morre,/ as sombras vão descendo, o sono vence-o./ E ele dorme, de mim desconstruído,/ **O menino que eu fui dorme embalado/ Na surdez em surdina do silêncio** (sem grifo no original)<sup>50</sup>.

Parecendo estar em sintonia com as reflexões de Philippe Artières, quando este afirma que “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio”, Sidónio, ao falar sobre o seu processo de escrita de si confessa: “Olho o papel branco como quem olha um espelho. Vejo o meu rosto e o rosto dos outros. Sem retoques...”<sup>51</sup>.

---

<sup>45</sup> MURALHA, Sidónio. *Esse Congo que foi Belga*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

<sup>46</sup> MURALHA, Sidónio. *Poemas*. Porto: Editorial Inova Limitada, 1971.

<sup>47</sup> MURALHA, Sidónio. *A caminhada*. Op. cit., p. 10.

<sup>48</sup> MURALHA, Sidónio. *A caminhada*. Op. cit., pp. 87-88.

<sup>49</sup> MURALHA, Sidónio. *Pássaro Ferido*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.

<sup>50</sup> MURALHA, Sidónio. *Pássaro ferido*. Op. cit., p. 18

<sup>51</sup> MURALHA, Sidónio. *A caminhada*. Op.cit., p. 14.

Atento ao cenário político de seu país e sempre esperançoso em relação ao esgotamento do regime salazarista, Sidónio escreve em um dos seus versos: “[...] Suave praia, tu não estás perdida/ pois nada está perdido enquanto há vida/ enxuga os olhos, pátria, tem confiança”<sup>52</sup>.

Já no poema intitulado *As pesadas barçaças*, ele procura reiterar o seu papel político como poeta, no combate ao autoritarismo e na defesa da liberdade, lembrando que nada, nem ninguém, seria capaz de fazê-lo calar-se.

Nas águas espessas/ Dos canais da angústia/ Passam as barçaças/ Pesadas de medo./ Há um silêncio vivo/ enredado no lodo/ - quem estrangula as vozes/ não mata o silêncio./As lágrimas surdas/ das mulheres de luto/ sulcam os caminhos/ que os monstros proíbem./ E os timoneiros/ das barçaças do medo/ tremem porque sabem/ que os lemes se quebram/ **Mesmo mutilado/ o homem renasce/ e a coragem escreve/ com letras de sangue:/ - Podem despenhar-me/ do alto de um prédio/ Mas ninguém consegue/ Despenhar-me de mim** (sem grifo no original)<sup>53</sup>.

Com a Revolução dos Cravos, ocorrida em abril de 1974, finalmente, Sidónio sente-se livre para regressar definitivamente ao seu país. O seu sentimento de felicidade e alívio ao ver, finalmente, sua pátria livre explode em um dos versos do *Poema de Abril*, onde ele escreve:

[...] Minha pátria linda/ de cabelos soltos/correndo no vento,/ sinto um arrepio/ de areia e de mar/ ao ver-te feliz./ Com as mãos vazias/ vamos trabalhar,/ a farda dos homens/ voltou a ser pele<sup>54</sup>.

Contudo, nesse momento, depois de mais de três décadas de exílio, os tempos eram outros e os laços emocionais que ele havia estabelecido no Brasil o impediam de voltar definitivamente a Portugal<sup>55</sup>. Além disso, Sidónio sabia muito bem que, muito embora ele pudesse voltar ao lugar de origem, não se podia voltar ao tempo da partida, nem ao indivíduo que ele era no momento da partida<sup>56</sup>.

Interessante notar que a decisão de não retornar ao seu país de origem já havia sido tomada, pelo menos desde 1971, quando, ao escrever o *Soneto do difícil retorno*, ele reafirma o seu vínculo identitário com a pátria portuguesa:

Se fores a Portugal, um dia, se/pisares aquele chão, diz-lhe que aguarde/ o difícil retorno deste que/ nunca pensou voltar assim tão tarde./ Mas houve temporais e lutas e/ se a batalha foi ganha sem alarde,/ nunca foi sem alarde a raiva de/ um inimigo oculto, hostil, covarde./ **Atravessei os mares e os continentes,/ conheci outras línguas, outras gentes,/ mas a minha poesia é lá que vive./ É lá que sou poeta e na verdade/ a minha volta é só formalidade./ - Voltar não voltarei./**

---

<sup>52</sup> MURALHA, Sidónio. Que Saudades do Mar In: MURALHA, Sidónio. *Poemas*. Porto: Editorial Inova Limitada, 1971.

<sup>53</sup> MURALHA, Sidónio. *Pássaro ferido*. Op. cit., pp. 90-91.

<sup>54</sup> MURALHA, Sidónio. Poema de abril. *Queridas bibliotecas* [on line]. [Acessado em: maio 2012]. Disponível em <<http://queridasbibliotecas.blogspot.com.br/2008/04/sidnio-muralha.html>>.

<sup>55</sup> Um ano após a morte da esposa, Maria Fernanda d'Almeida Muralha, ocorrida em 1978, Sidónio casou-se com a médica paranaense Helen Anne Butler. Em 1998, com o objetivo de difundir e preservar a obra literária do escritor, a viúva e os filhos do poeta, Maria Beatriz Muralha de Sousa e Mário Jorge d'Almeida Muralha, criaram, em Curitiba, a Fundação Sidónio Muralha.

<sup>56</sup> SAYAD, Abdelmalek. Op. cit., p. 17.

**Sempre lá estive** (sem grifo no original)<sup>57</sup>.

Além das constantes referências à pátria, Lisboa também aparece na sua escrita como um lugar de memória do qual não desejava se desvincular, como ele mostra no poema *Minha velha cidade*:

Lisboa é tê-la/ e passeá-la,/ descê-la, subi-la,/ roçar seus telhados./ **Eu me desandei/ por mundos além/ numa fúria idiota/ de encontrar não sei quê/ e vi que o exílio/ é a terra da gente/ esboroadada em saudade/ nos países dos outros/** Rasguei horizontes,/ Gastei continentes/ E não aceitei/ Que eles me gastassem/ Digo que sou jovem,/ Lisboa, Lisboa,/ e estilhaço os espelhos/ quando me desmentem,/ Só tua lembrança/ consegue abrandar/ o orgulho insensato/ de não perdoar/ o tempo que passa./ Lisboa, Lisboa,/ amigos distantes,/ como é triste, triste/ viver sem vocês/ Vocês,/ que penduram os sonhos/ nos mastros do Tejo/ como roupa a secar (sem grifo no original)<sup>58</sup>.

Como lembra Lozano “quien vive el exilio necesita manifestar sus vivencias actuales, porque frente al olvido necesita recuperar la memoria de su pasado: la familia, los paisajes, las cosas... Todo ello deriva y deviene en la nostalgia que produce la separación traumática de cuanto ama y siente”<sup>59</sup>.

No contexto dos anos setenta, cada vez mais comprometido com a reconstrução de sua memória de vida, ele publica o romance *O homem arrastado*<sup>60</sup> e a obra intitulada *O andarilho*. Nesta última, se utiliza da ficção para falar de si e procura fazer um balanço acerca da sua trajetória como imigrante.

O inventário era implacável: - de tantas viagens, de tantos povos e fronteiras, um montão de destroços de vidas e de lembranças mutiladas. Mas ele tinha a perseverança dos cardos que irrompem da areia e ainda sentia a esperança no coração, quente e furiosa, como um bicho encurralado. Quilhas, mastros, velas e remos do cais da infância, impregnaram a sua memória de um gosto de sal. Gaiotas gritavam, uma poalha de cinza descia lentamente, as primeiras luzes tremulavam do outro lado do Tejo. Tudo rangia e balouçava, nos tombadilhos agitavam-se vultos brancos como lenços, vozes ocultas esfumavam-se, a tristeza do menino era maior do que ele, tomava a amplidão do apelo que vinha do largo. Como doía ser um barco na noite e ficar ancorado. Agora não. O tempo passara e tantas viagens fizera que não podia mais permanecer no mesmo lugar. Às vezes pensava acomodar-se, procurar num país frio a hospitalidade de uma lareira, percorrer um livro como quem descobre um território. Mas logo afastava a idéia confortável, fazia as malas e partia [...] <sup>61</sup>.

Aqui, conforme observa Montanez, a identidade diaspórica é híbrida e multiforme porque diante da impossibilidade de “voltar para casa de novo”, vive-se, então, a experiência de estar dentro e fora, em um entre-lugar<sup>62</sup>.

---

<sup>57</sup> MURALHA, Sidónio. Soneto do difícil retorno (1). *Deserto-me* [on line]. [Acessado em: maio 2012]. Disponível em <<http://deserto-me.blogspot.com.br/2010/03/soneto-do-dificil-retorno-1.html>>.

<sup>58</sup> MURALHA, Sidónio. *Pássaro Ferido*. Op. cit., p. 82.

<sup>59</sup> LOZANO JAÉN, Ginés. Literatura del exilio: alusiones a Murcia en algunos cuentos de Max Aub como intertexto lector. *Murgetana* [en línea]. 2010, n. 123, año LXI, pp. 221-229, p. 224. [Consulta: 10-03-2013]. Disponible en <[http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N123/N123\\_010.pdf](http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N123/N123_010.pdf)>.

<sup>60</sup> MURALHA, Sidónio. *O homem arrastado*. Coimbra: Atlântida Editora, 1972.

<sup>61</sup> MURALHA, Sidónio. *A caminhada*. Op. cit., p. 96-97.

<sup>62</sup> MONTAÑEZ, Amanda Perez. *Voices do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar*

De igual maneira, Sidónio reconstrói sua trajetória e expõe sua identidade diaspórica nas cartas e poemas dirigidos ao seu grande amigo Alexandre Cabral. No *Soneto do inaceitável gongo*, por exemplo, retoma a experiência da partida para o Congo, lembrando a difícil peregrinação realizada por ambos, como exilados.

Alexandre, Alexandre, velho amigo/ o caminho foi longo, muito longo,/ quantos mares e sonhos fiz contigo/ desde quando partimos para o Congo./ Conto, desconto a vida e não consigo/ Dar dimensões normais ao espelho oblongo/ Que alonga e que prolonga o meu castigo/ Do lutador que não aceita o gongo./ Eu sei que não há gongo que nos vingue/ Das afrontas e socos deste ringue/ Feito de ódio, solidão, desterro./ Não queiras desfrutar o que eu desfruto/ - de chapéu alto, hipócrita, de luto,/ Sigo, cinicamente, meu enterro<sup>63</sup>.

Como se a última frase deste poema fosse um vaticínio, depois disso Sidónio deixa de escrever sobre si mesmo e, a partir de meados da década de 1970, volta a se dedicar, com entusiasmo, à literatura infantil. Aparentemente cansado da longa caminhada, “das afrontas e socos deste ringue” ele considera a sua tarefa autobiográfica concluída, mas segue escrevendo, até porque o exercício da escrita fazia parte do seu cotidiano, como ele declarou durante uma entrevista:

Escrevo como quem respira. Escrever é participar, é uma forma de alertar as consciências, tentar construir um mundo mais decente e mais limpo. Calar é ser conivente<sup>64</sup>.

Porém, nos últimos anos de sua vida, embora o desejo de falar de si tivesse arrefecido com o tempo, ele sabia que o passado continuava próximo, à espreita de que algo mostrasse que ele não era verdadeiramente passado<sup>65</sup>. Continuava ali, latente, apenas aguardando que um gesto, uma imagem acionasse os mecanismos da memória e pudesse trazê-lo de volta, reconstruindo lugares, personagens e acontecimentos, como lembra Michael Pollak<sup>66</sup>. Talvez, por isso, dois anos antes de sua morte ele se dedica à escrita do seu último livro de sonetos, intitulado *Pátria Minha*<sup>67</sup>.

## 5. Fontes

MURALHA, Sidónio. *Bêco: Poemas de [...]*. Lisboa: Gráfica Lisbonense, 1941.

----. *Passagem de nível (poemas)*. Coimbra: Novo Cancioneiro, 1942.

----. *Companheira dos Homens: Poemas*. Lisboa: Tipografia Garcia & Carvalho, 1950.

---

e *Marta Traba* [tese de doutorado]. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006, p. 38.

<sup>63</sup> MURALHA, Sidónio. *Pássaro ferido*. Op. cit., p. 50.

<sup>64</sup> Citação retirada do site Fundação Sidónio Muralha. [Acesso em: 12/05/2012]. Disponível em <<http://pontodeculturapassagensliterarias.blogspot.com.br/p/a-fundacao.html>>.

<sup>65</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. 1993, n. 10, p. 12, p. 18.

<sup>66</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. 1998, vol. 2, n.3, pp. 3-15.

<sup>67</sup> MURALHA, Sidónio. *Pátria minha (sonetos)*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1980.

- . Companheira Dos homens. *O guardador de rebanhos* [on line]. [Acessado em: maio de 2012]. Disponível em [http://guardadordepoesia.blogspot.com.br/2013\\_06\\_01\\_archive.html](http://guardadordepoesia.blogspot.com.br/2013_06_01_archive.html).
- . *Esse Congo que foi Belga*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- . *Poemas*. Porto: Editorial Inova Limitada, 1971.
- . *O homem arrastado*. Coimbra: Atlântida Editora, 1972.
- . *O pássaro ferido (poemas e micro-contos)*. Editorial Nórdica: Rio de Janeiro, 1972.
- . *O andarilho*. Contos. Lisboa: Prelo Editora, 1975.
- . *A caminhada: Livro de Vivências*. Lisboa: Prelo Editora, 1975.
- . *Com sol e sal, eu escrevo (poema)*. Curitiba: [s.e.], 1977.
- . *Pátria minha* (sonetos). Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1980.
- . Epitáfio. *Cravo de Abril* [on line]. [Acessado em: maio de 2012]. Disponível em [http://cravodeabril.blogspot.com.br/2010/02/poema\\_06.html](http://cravodeabril.blogspot.com.br/2010/02/poema_06.html).
- . *Um punhado de areia (poema)*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1987.
- . *Do outro lado da rua (contos)*. Brasília: Ler Editora, 1982.
- . Para vós eu canto... *Avante!* [on line]. [Acessado em: maio de 2012]. Disponível em <http://www.avante.pt/pt/1953/emfoco/114444/>.
- . Poema de abril. *Queridas bibliotecas* [on line]. [Acessado em: maio 2012]. Disponível em <http://queridasbibliotecas.blogspot.com.br/2008/04/sidnio-muralha.html>.
- . Prelúdio. *RMMV [60 anos de gratidão]* [on line]. [Acessado em: maio de 2012]. Disponível em <http://rmmv.org/poesia-prima-poesia-madrasta/sidonio-muralha/>.
- . Soneto do difícil retorno (1). *Deserto-me* [on line]. [Acessado em: maio 2012]. Disponível em <http://deserto-me.blogspot.com.br/2010/03/soneto-do-dificil-retorno-1.html>.

## 6. Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos históricos*. 1991, v.4, n.7, pp. 66-81.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*. 1998, vol. 11, n. 21, pp. 9-34.

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BARRETO, Maria Ignez Mena. *O desenho como subversão da relação do leitor com o manuscrito na vie de Henry Brulard* [on line]. [Acessado em: 18-06-2012]. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/apcq/edicao10/Maria.Ignez.pdf>. p. 686>.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BORGES, Jorge Luis. *El tamaño de mi esperanza*. [1927]. Madrid: Alianza, 1998.
- COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- KRISTEVA, Julia. Tocata e fuga para o estrangeiro. In: KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 9- 46.
- LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique (bis). *Poétique*. 1983, n. 56, pp. 417-433.
- . *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- . *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- LOZANO JAÉN, Ginés. Literatura del exilio: alusiones a Murcia en algunos cuentos de Max Aub como intertexto lector. *Murgetana* [en línea]. 2010, n. 123, año LXI, pp. 221-229, p. 224. [Consulta: 10-03-2013]. Disponible en <[http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N123/N123\\_010.pdf](http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N123/N123_010.pdf)>.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.
- MELLO, Giovana y OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. *Dimensões Geográficas, Literárias e Tradutórias do Exílio* [on line]. *Literatura em Debate* (URI). 2008, vol. 2, pp. 1-18, p. 10. [Acesso em: 02/05/2013]. Disponível em <[revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/download/.../769](http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/download/.../769)>.
- MONTAÑEZ, Amanda Perez. *Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba* [tese de doutorado]. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006, p. 38.

NEVES, Margarida de Souza. *Literatura: prelúdio e fuga do real* [on line]. [Acesso em: 15-06-2012]. Disponível em <<http://historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/preludioefuga.pdf>>.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. 1993, n. 10, p. 12.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. 1998, vol. 2, n.3, pp. 3-15.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência: ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RIETH, Flávia. In: *Horizontes Antropológicos* [on line]. 1995, ano 1, n. 2, pp. 270-271. [Acesso em: 20-06-2012]. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a26.pdf>>.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

----. Memórias no exílio, memórias do exílio. In: FERREIRA, Jorge y REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia 1964...* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da USP, 1998.

TABORI, Paul. *Anatomy of exile*. Londres: Harrarp, 1972.

TONI, Flávia Camargo. Biografia, autobiografia e processos de criação no arquivo de Camargo Guarnieri. In: *XVII Congresso da Anppom São Paulo 2007* [on line]. [Acessado em: 10-06-2012]. Disponível em <[http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2007/poster\\_musicoologia/poster\\_musicol\\_FCToni.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/poster_musicoologia/poster_musicol_FCToni.pdf)>.